

# CINEMA BRASILIENSE

GÊNERO E REPRESENTAÇÃO

## Papéis tradicionais de gênero continuam maioria no cinema brasiliense

A maioria das **medidas de papéis de gênero tradicionais** apareceram nas obras analisadas pela pesquisa **Cinema Brasiliense: gênero e representação**. Nesta pesquisa, foram analisados **20 filmes de longa-metragem de ficção** produzidos ou coproduzidos por empresas do Distrito Federal, lançados comercialmente em salas de cinema no Brasil, de **1995 a 2018**.

Para investigar os papéis tradicionais de gênero e suas representações, a pesquisa elaborou um **instrumento de análise**, usando **medidas de papéis tradicionais de gênero e testes de representação**.

Em relação às **medidas de papéis tradicionais de gênero**, foram utilizados dois inventários: *Inventário de papéis de gênero de comportamentos tradicionais e não tradicionais da mulher*, de Diane R. Follingstad e Elizabeth A. Robinson (1985) e *Escala de Comportamento Masculino (MBS)* de William E. Snell (1989). Os dois inventários foram a origem de vários estudos relacionados a comportamentos típicos ou tradicionais de gênero

A proposta de Robinson e Follingstad era composta por seis categorias: ativismo feminista, independência, assertividade (sexual e interpessoal); atitude positiva em relação a mulheres/homens; cavalheirismo; e divisão tradicional do trabalho doméstico. Com base no instrumento de Robinson e Follingstad, Snell propôs um instrumento com quatro fatores a partir de prescrições normativas para homens: emocionalidade restritiva, afeto inibido, dedicação ao sucesso, e autossuficiência exagerada.

Os **testes de representação** analisam a presença, a participação e a profundidade de determinado grupo em uma obra. Na pesquisa, foram adaptados testes que avaliam o papel da mulher na narrativa para analisar também os homens. Para pensar além dos papéis de gênero, foram levados em consideração os testes Bechdel, Mako Mori e Tauriel como ponto de partida do estudo.

O **Teste Bechdel**, o mais popular entre eles, faz três questionamentos: existem pelo menos duas mulheres com nome no filme? Elas conversam entre si? Sobre algo que não seja homem? A origem do [teste Bechdel](#) é um diálogo entre personagens de uma tirinha de quadrinhos da série [Dykes to Watch Out for](#), de Alison Bechdel (2008), publicada inicialmente em 1985 e intitulada *The Rule*. A desenhista utilizou uma ideia de sua amiga Liz Wallace para expressar o porquê de uma das personagens ir pouco ao cinema: a personagem só assistiria a filmes que respondessem

afirmativamente a três perguntas: existem ao menos duas mulheres com nome no filme? Elas conversam entre si? Sobre algo que não seja homem? Usando estes critérios, foi elaborado o que se batizou como teste Bechdel, conhecido também como a Escala Cinematográfica Mo (nome de uma das personagens da série de quadrinhos), que é utilizado para avaliar a presença das mulheres em filmes.

Para a aprovação no **Teste Mako Mori** é preciso que o filme tenha pelo menos uma personagem feminina, com arco narrativo e que esse arco não seja apoiado em um homem. O teste nasce em referência à personagem Mako Mori, do filme *Círculo de Fogo (Pacific Rim)* (2013), de Guillermo del Toro, reprovado no teste de Bechdel. Dos 56 atores creditados no filme, apenas três mulheres apresentam falas. No filme em questão, a personagem Mako Mori apresenta um arco narrativo que foge do estereótipo: ela é uma mulher, asiática, protagonista, heroína, não hipersexualizada, contida, que possui sua própria história. Para a aprovação no Mako Mori, é preciso que o filme tenha pelo menos uma personagem feminina, com arco narrativo e que esse arco não seja apoiado em um homem - ou seja, mulheres que possuem a própria narrativa de forma independente.

O **Teste Tauriel** consiste em responder apenas duas perguntas: existe uma mulher na obra audiovisual? Ela é boa no seu trabalho? Na adaptação do teste foi acrescentada uma terceira pergunta dependente de resposta positiva à segunda: a personagem abandona o seu trabalho por causa de um interesse romântico, explícito ou implícito? O nome do teste foi uma homenagem à elfa presente na trilogia cinematográfica de *O Hobbit* que, na análise da idealizadora do teste, é uma guerreira tão competente quanto os personagens masculinos. Este teste é utilizado para avaliar a competência.

O estudo **Cinema Brasiliense: gênero e representação** foi contemplado no **Editais do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) Audiovisual – nº 16/2018**, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Governo do Distrito Federal. Natália Brandino é a idealizadora do projeto. Ela é membro do Coletivo Arte Aberta e sócia da produtora Kocria Audiovisual.

## Resultados

Além da representação de **papéis de gênero tradicionais** de forma majoritária (60%), as obras analisadas demonstram uma maior representação de homens do que de mulheres. Há ainda uma exclusão de entre os protagonismos das mulheres e dos homens: Se as mulheres são protagonistas, há uma queda do protagonismo masculino, sendo o inverso também identificado.

Em relação aos estereótipos de gênero na divisão de trabalhos, quando os homens desenvolvem trabalhos considerados masculinos, é menos provável que eles dividam as tarefas. Outra correlação identificada na pesquisa em relação à apresentação de homens em trabalhos mais “masculinos”: quanto mais isso acontece, menor é a probabilidade de que as mulheres tenham independência nas suas histórias. Porém, quando as mulheres desenvolvem esses trabalhos considerados masculinos,

elas tendem a ser mais independentes, assertivas, competentes e se relacionam melhor com as outras mulheres. Além de que essas atividades profissionais consideradas estereotipicamente masculinas tendem a ser mais bem desempenhadas de forma geral e levadas mais a sério nos filmes do que o trabalho estereotipicamente feminino.

Ainda no que diz respeito à divisão de trabalho, quando os homens desenvolvem ocupações consideradas femininas, é mais provável que eles dividam as tarefas com as mulheres. Há também uma correlação com as mulheres tendo mais independências nessas histórias.

Em relação à construção da narrativa dos personagens, quando as mulheres possuem arcos dramáticos próprios, os personagens masculinos são menos estereotipados e há uma divisão mais igualitária de tarefas.

Quando os homens apresentam arcos dramáticos próprios, isso está relacionado à assertividade, à independência e ao comportamento mais positivo deles em relação às mulheres e delas com eles.

Quando as obras focam na competência profissional masculina, o filme tende a chamar mais atenção para o seu corpo de forma sexualizada.

## Os filmes analisados

Entre 1995 e 2018, foram realizados 20 longas de ficção, excluindo o estilo experimental, por produtoras ou coprodutoras do DF. Esse é o recorte da pesquisa. Vale ressaltar que nos **23 anos analisados**, entre os **20 filmes brasileiros** lançados em salas de cinema, apenas um foi dirigido por uma mulher: **Um assalto de fé**, de **Cibele Amaral**.

Os filmes em análise são:

| Ano de Lançamento | Título                    | Direção               |
|-------------------|---------------------------|-----------------------|
| 1995              | Louco por Cinema          | André Luiz Oliveira   |
| 1999              | No Coração dos Deuses     | Geraldo Moraes        |
| 2005              | As Vidas de Maria         | Renato Barbieri       |
| 2005              | Filhas do Vento           | Joel Zito Araújo      |
| 2006              | A Conspiração do Silêncio | Ronaldo Duque         |
| 2009              | Se Nada Mais Der Certo    | José Eduardo Belmonte |
| 2010              | Federal                   | Erik de Castro        |
| 2011              | Simple Mortais            | Mauro Giuntini        |
| 2011              | Um Assalto de Fé          | Cibele Amaral         |

|      |  |                       |
|------|--|-----------------------|
| 2013 | A Última Estação                         | Márcio Curi           |
| 2013 | Cru                                      | Jimi Figueiredo       |
| 2013 | Nove Crônicas para um Coração Aos Berros | Gustavo Galvão        |
| 2014 | Uma Dose Violenta de Qualquer Coisa      | Gustavo Galvão        |
| 2015 | Até que a Casa Caia                      | Mauro Giuntini        |
| 2015 | Branco Sai Preto Fica                    | Adirley Queirós       |
| 2015 | O Último Cine Drive-In                   | Iberê Carvalho        |
| 2016 | O Outro Lado do Paraíso                  | André Ristum          |
| 2016 | Uma Loucura de Mulher                    | Marcus Ligocki Júnior |
| 2018 | A Repartição Do Tempo                    | Santiago Dellape      |
| 2018 | O Colar De Coralina                      | Reginaldo Gontijo     |

## Pesquisadores

### • Natália Brandino – Criação, Coordenação e Pesquisa



**Natália Brandino** é sócia e produtora executiva da empresa Kocria Audiovisual, produtora executiva da GAYA Filmes e faz parte do Coletivo Arte Aberta.

A origem dessa pesquisa é o desdobramento da monografia desenvolvida por ela como parte da pós-graduação em Cinema e Linguagem Audiovisual da Estácio Sá: “A mulher nos filmes nacionais”. Neste estudo, foi analisada a representatividade da mulher nos maiores sucessos de bilheteria de filmes brasileiros no período de 1995 e 2010. Esse estudo foi selecionado para

compor a Revista Filme Cultura nº 63 – Mulheres, câmera e telas.

No Arte Aberta, Natália iniciou as análises de representatividade e representação sobre os indicados ao Oscar, criando o selo #ElasNoOscar. Desde 2018, o Arte Aberta faz análise dos filmes indicados à categoria de Melhor Filme no Oscar. Com o desenvolvimento dos estudos sobre representação e representatividade da pesquisadora Natália, foi criado o Teste Arte Aberta.

Natália Brandino é bacharel em Administração de Empresas (2011), pós-graduada em Marketing e Cadeia de Valor (2013) ambos pelo UniCEUB, em Cinema e Linguagem Audiovisual (2017) pela Estácio Sá e MBA em Controladoria e Finanças (2018) pela UDF. Desde 2012, se dedica à produção audiovisual e estudos interdisciplinares da área.

#### • **Amalia Raquel Perez – Orientação**

Professora visitante da Universidad de Zaragoza. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela UNB-DF, mestre e graduada em psicologia. Foi diretora da Sociedade Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho, é membro do GT da Associação Nacional de Pesquisa da Pós-graduação (ANPEPP), da International Association of Applied Psychology.

#### • **Bárbara Alpino – Pesquisa e Revisão**

Formada em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Universidade de Brasília UnB (2011). Servidora do Ministério da Cultura (atualmente Secretaria Especial da Cultura) desde 2013. Integrante da Comissão Editorial da Revista Filme Cultura desde 2016 (edições 62-64). Também integra o Coletivo Arte Aberta que tem como objetivo promover a visibilidade e questionamento de gênero no audiovisual, em que atua tanto como redatora quanto como ilustradora.

#### • **Lina Távora – Pesquisa e Assessoria de Comunicação**

Jornalista, formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2004), Mestra em Comunicação/Cinema pela Universidade de Brasília (UnB) (2010). Servidora do Ministério da Cultura (atualmente Secretaria Especial da Cultura) desde 2010. Editora da revista Filme Cultura nas edições 62 a 64. Fundadora e integrante do Arte Aberta (<https://arteaberta.com/>) e dos Irmãos Estoicos (<http://www.irmaosestoicos.com/>).

#### • **Luciana Ribeiro Rodrigues – Pesquisa**

Membro do coletivo Arte Aberta. Graduada em Letras Português pelo UniCEUB (2012) e em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Universidade de Brasília - UnB (2010). Servidora do Ministério da Cultura (atualmente Secretaria Especial da Cultura) desde 2013. Atuou nas áreas de formulação de editais, de admissibilidade de projetos e de prestação de contas.

#### • **Rafael da Silva Maximiniano – Pesquisa, Revisão e Acessibilidade**

Graduado em História pela Universidade de Brasília, e especialista em Acessibilidade Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Coletivo Arte Aberta.

#### • **Risla Lopes Miranda – Pesquisa e Acessibilidade**

Membro do Coletivo Arte Aberta. Graduada em Pedagogia (UnB), especialista em História (UniCEUB) e em Acessibilidade Cultural (UFRJ) e mestra em Direitos Humanos (UnB). Já atuou em políticas de cultura, gênero, educação e formação audiovisual no âmbito do Governo Federal.

## Parceiros

- **Arte Aberta**

O Coletivo cria conteúdos sobre gênero no audiovisual. Surgiu em 2016 no DF, composto por Lina Távora, Luciana Rodrigues, Rísla Miranda, Rafael Maximiniano, Bárbara Alpino e Natália Brandino. Para conhecer mais acesse: <https://arteaberta.com>.

- **Kocria Audiovisual**

É uma produtora do DF, que desde 2012 trabalha em produções da cidade, e em 2018 se estruturou para desenvolver projetos audiovisuais próprios. Seus sócios são: Walder Jr e Natália Brandino. Para conhecer mais acesse: <https://kocria.com.br>.

## Serviço

**Pesquisa Cinema Brasiliense: gênero e representação**

Portal: [www.representacaonoaudiovisual.com](http://www.representacaonoaudiovisual.com)

E-mail: [representacaonoaudiovisual@gmail.com](mailto:representacaonoaudiovisual@gmail.com)

Contato Assessoria de Comunicação: Lina Távora (61) 981332262